



GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: O PAPEL DA ESCOLA PARA MITIGAÇÕES

ADOLESCENT PREGNANCY: THE ROLE OF SCHOOLS IN MITIGATION

Carlos Antônio Sombra Junior¹
carlossombra92@gmail.com

Resumo

A gravidez na adolescência vem sendo considerada em muitos países como um sério problema de saúde pública, seja pelo risco de vida do bebê ou da gestante nesse período, como pelas questões psicológicas que podem acarretar. Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo analisar o perfil de casos de gravidez na adolescência entre os estudantes de uma escola pública de Ensino Médio, em Quixadá, Ceará, e através da percepção dos alunos, propor formas de se trabalhar a temática na escola, no intuito de diminuir as estatísticas de gravidez precoce entre os estudantes. Os alunos entrevistados tiveram seus primeiros filhos com idades entre 15 e 18 anos. A maioria (54%) afirmou que não tinha diálogo com suas respectivas famílias acerca de educação sexual. Quanto ao rendimento escolar, a maioria (62%) dos entrevistados afirmou que teve um comprometimento negativo após a maternidade/paternidade. Na percepção de 69% dos alunos entrevistados, a escola deveria trabalhar palestras interdisciplinares como maneira de minimizar as estatísticas de gravidez entre os estudantes. Por meio deste trabalho, foi possível constatar a necessidade de se trabalhar a temática na escola, propondo ações concretas com o apoio da instituição.

Palavras-chave: Educação sexual; gravidez; métodos contraceptivos

Abstract

Adolescent pregnancy has been considered in many countries as a serious public health problem, either because of the risk to the baby's or the pregnant woman's life during this period, as well as because of the psychological issues it may entail. Therefore, this study aimed to analyze the profile of teenage pregnancy cases among students from a public High School, in Quixadá, Ceará, and through the students' perception, propose ways to work the

¹Mestre, Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

theme at school, in order to reduce the statistics of early pregnancy among students. The students interviewed had their first children aged between 15 and 18 years. The majority (54%) said they had no dialogue with their respective families about sex education. As for school performance, the majority (62%) of respondents stated that they had a negative impairment after maternity/paternity. In the perception of 69% of the interviewed students, the school should work on interdisciplinary lectures as a way to minimize pregnancy statistics among students. Through this work, it was possible to verify the need to work on the theme at school, proposing concrete actions with the support of the institution.

Keywords: Sex education; pregnancy; contraceptive methods.

INTRODUÇÃO

A gravidez na adolescência vem sendo considerada em muitos países como um sério problema de saúde pública, tanto pelas complicações que pode acarretar para as adolescentes como para os recém-nascidos. Nesse contexto, alguns autores apontam que que uma gestação nesse período é caracterizada como uma gravidez de risco, tanto pelas características fisiológicas quanto pelas características psicológicas da adolescência, sem contar ainda com o contexto socioeconômico (Dias; Teixeira, 2010; Yazlle, 2006).

Muitos fatores podem favorecer a ocorrência de gravidez na adolescência, entre elas a falta de conhecimento de métodos contraceptivos, a falta de diálogo entre a família a respeito do assunto, entre outros. Para isso, é de suma importância a escola intervir, fazendo trabalhos de informação e conscientização entre os estudantes, visto que o espaço escolar é uma grande local de mudanças de realidade por meio da educação (Lima, 1999).

A escola, juntamente com o apoio e parceria da família, pode constituir-se como um importante espaço para promover informação e minimização dos impactos referentes a esse problema da gravidez precoce (Rodrigues; Silva; Gomes, 2019).

O estudo da percepção de adolescentes acerca da gestação precoce é algo muito utilizado na literatura científica, devido à possibilidade de traçar perfis e propor medidas de mitigação (Santos; Guimarães; Gama, 2016).

Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo analisar o perfil de casos de gravidez na adolescência entre os estudantes de uma escola pública de Ensino Médio, em Quixadá, no Ceará, e propor formas de se trabalhar a temática na escola, no intuito de diminuir as estatísticas de gravidez precoce entre os estudantes.

METODOLOGIA

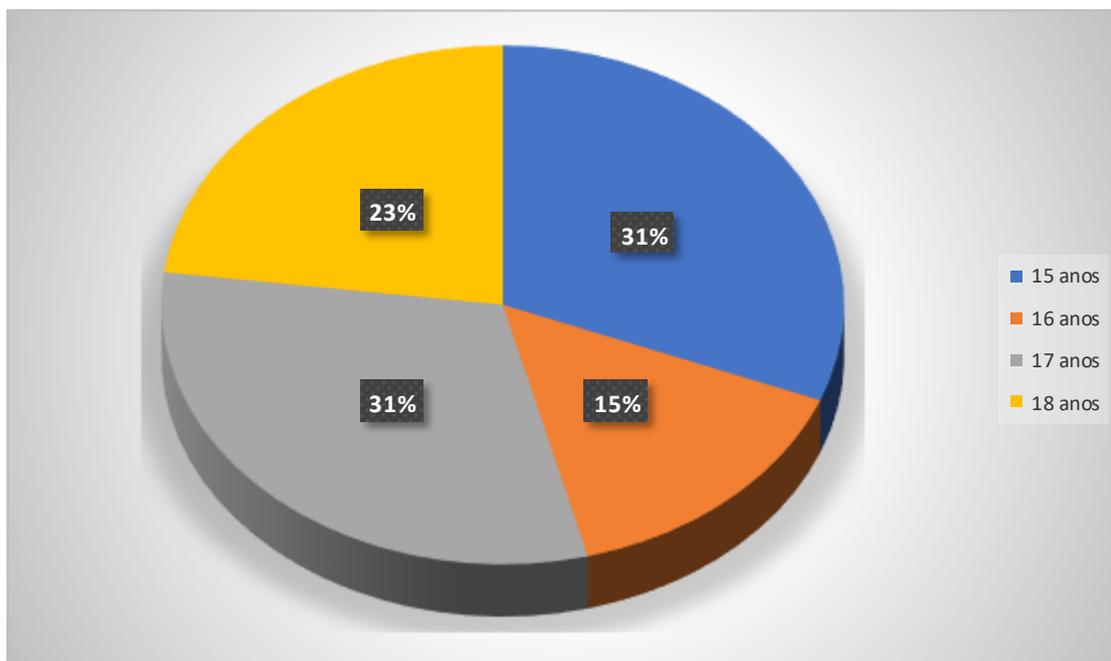
Para a presente pesquisa, foram aplicados questionários com 13 alunos de uma escola pública de Ensino Médio, em Quixadá – CE, os quais se encontravam na situação de serem mães/pais adolescentes ou de estarem grávidas. Os questionários abordavam questões como a idade em que tiveram seu primeiro filho, a mudança de rendimento na escola decorrente disso, bem como os conhecimentos acerca de métodos contraceptivos e a abordagem de sua família quanto ao tema. Além disso, foi solicitado sugestões de como os entrevistados acreditavam que a escola poderia trabalhar, em prol de minimizar as estatísticas de gravidez entre adolescentes na instituição. A pesquisa ocorreu em setembro de 2021.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Figura 1, tem-se os dados sobre a faixa etária em que os entrevistados tiveram seu primeiro filho, que se consistiu nas idades entre 15 e 18 anos. Essa faixa etária pode ser considerada de risco tanto para as mães quanto para os bebês, além de todos os fatores sociais e psicológicos associados a esse âmbito que podem acometer tanto mães quanto pais precoces (Yazlle, 2006).

Os adolescentes brasileiros têm iniciado sua vida sexual cada vez mais cedo, e desse modo, é necessário promover orientação e proteção adequados para esses jovens, a fim de que possam encarar a sexualidade com mais responsabilidade e segurança (Malta et al., 2011).

Figura 1. Idades em que os entrevistados tiveram seu primeiro filho.



Fonte: Autor, 2024.

Foi questionado aos alunos entrevistados se o rendimento escolar deles foi prejudicado devido à maternidade/paternidade precoce, e a maioria (62%) afirmou que “sim, moderadamente”, enquanto 23% disseram que não, e apenas 15% disseram que “sim, muito”. Mesmo sendo de forma moderada, o comprometimento de forma negativa do rendimento é algo a ser observado. Além disso, quando somados os dados daqueles que afirmaram que foram prejudicados, independente de muito ou moderadamente, o resultado fica 77%, um valor considerável e preocupante, uma vez que muitos estudantes não conseguem transpor essas dificuldades e acabam abandonando a escola.

A gravidez na adolescência é muitas vezes encarada de forma negativa do ponto de vista emocional e financeiro das adolescentes e suas famílias, alterando drasticamente suas rotinas, incluindo sua vida estudantil (Dias; Teixeira, 2010). Ela pode estar associada com a evasão escolar, o ingresso precoce em um mercado de trabalho não-qualificado, situações de violência e negligência, diminuição das oportunidades de mobilidade social, além de maus tratos infantis (Almeida; Aquino; Barros, 2006).

De acordo com Bruno et al. (2009), as mulheres que engravidam na adolescência tendem a ter menos anos de estudo que as outras. Desse modo, um estado de baixa escolaridade pode ser preditor de reincidência da gravidez. A maternidade cria, por si mesma, dificuldades para o retorno à escola. As adolescentes que engravidam precocemente, de uma

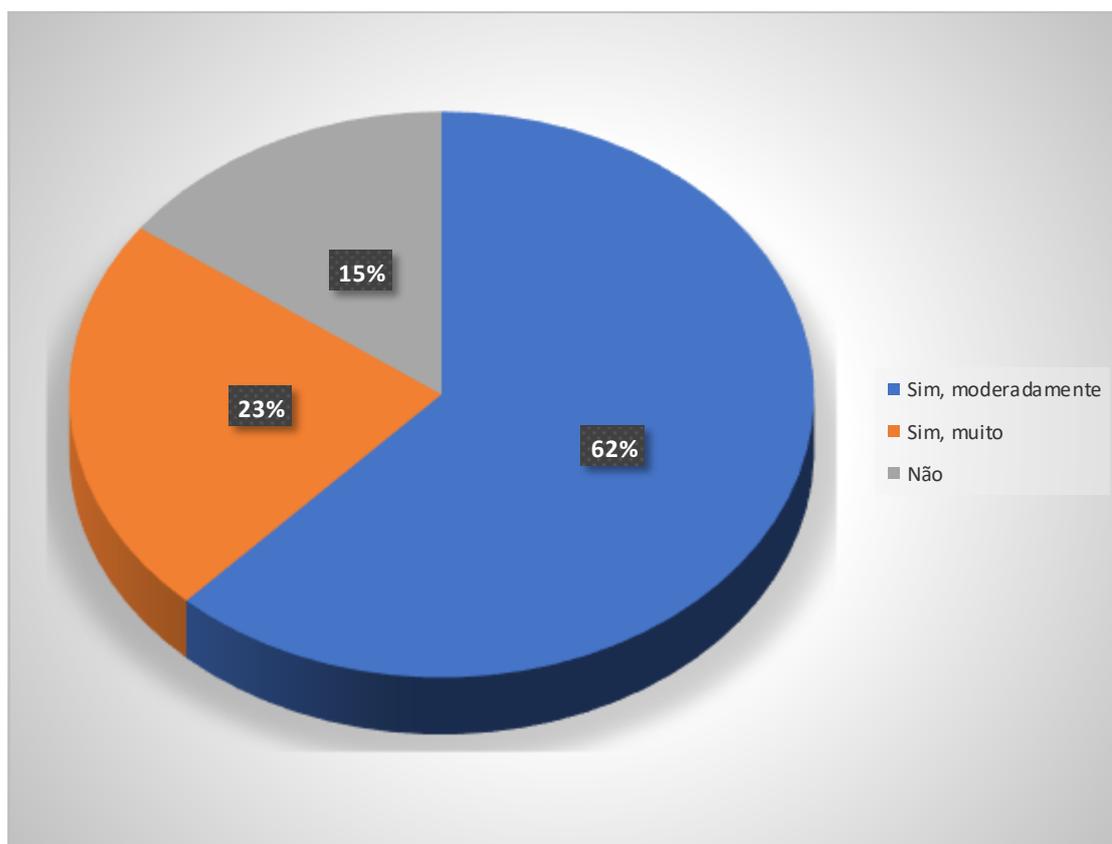
hora para outra, são forçadas a dar um novo rumo às suas vidas, deixando de morar com os pais, abandonando a escola e, em muitos casos, engravidam de um novo parceiro, tornando sua realidade mais difícil.

Segundo Sousa et al. (2018), a pobreza na infância é um fator que aumenta as chances de evasão e/ou repetência escolar, e conseqüentemente, vem a falta de oportunidades e as desigualdades sociais que levam as adolescentes a engravidar precocemente. Ainda nesse sentido, os autores argumentam que há controvérsia sobre a gravidez precoce ser causa ou consequência do abandono escolar. Estudos que analisam os fatores preditores da evasão escolar entre adolescentes com experiência de gravidez no contexto de baixa renda familiar, mostram alguns indicativos que levantam a discussão sobre o perfil desse tipo de evasão: as jovens já haviam abandonado a escola antes de engravidarem ou o abandono escolar foi consequência da gravidez? Tem-se essas duas realidades, geralmente associada às famílias mais pobres, perpetuando um ciclo. Nesse sentido, os autores reafirmam a importância de manter a jovem mãe na escola no sentido de interromper o ciclo vicioso: pobreza – gravidez – abandono escolar – pobreza.

Diante disso, a escola e a família têm um papel importante de estimular a permanência desses jovens na escola. É preciso que haja estratégias voltadas às jovens evadidas, de modo a possibilitar o seu retorno ao ambiente escolar e desenvolvam perspectivas de um futuro melhor (Sousa et al., 2018).

A questão da evasão escolar deve ser vista com seriedade, pois quando um adolescente abandona a escola, está perdendo uma infinidade de oportunidades: empregos, estabilidade de vida financeira e emocional, e, principalmente, realização pessoal (Heilborn, 2008).

Figura 2. Dados se o rendimento escolar foi prejudicado após a maternidade/paternidade.



Fonte: Autor, 2024.

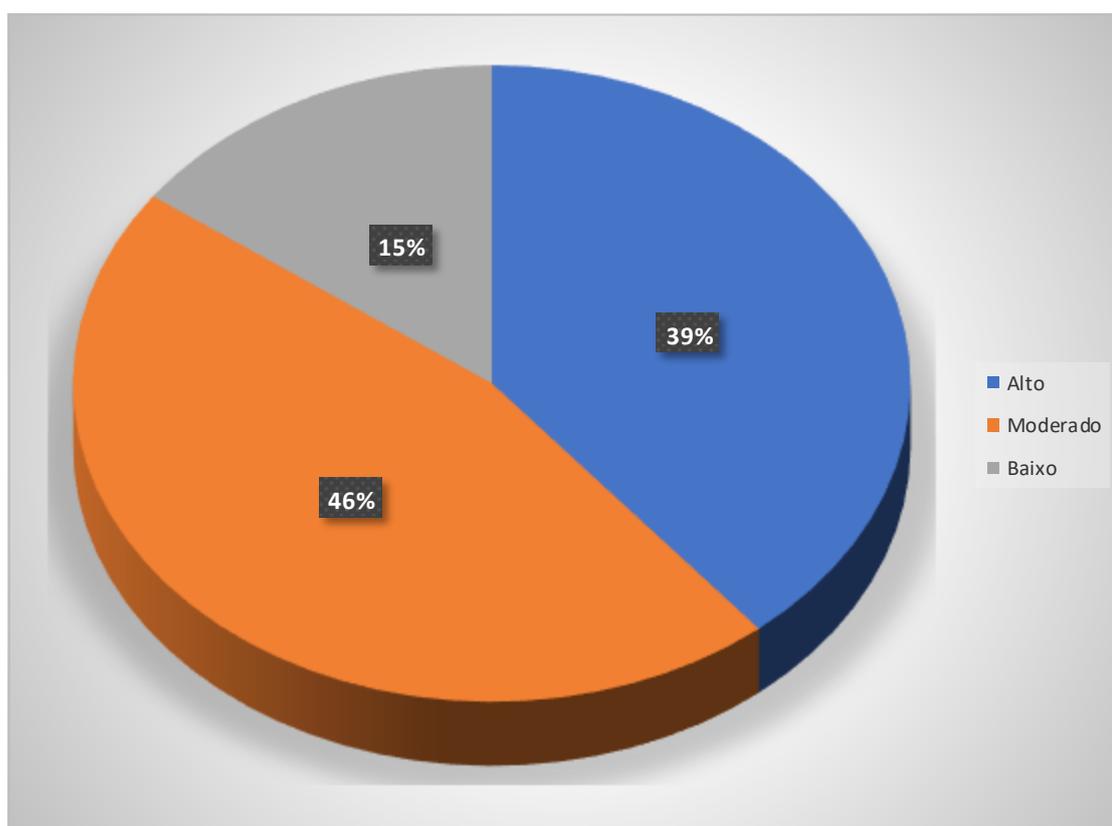
Foi perguntado também aos alunos como eram seus conhecimentos acerca dos métodos contraceptivos, e conforme é possível ver na Figura 3, a maioria (46%) respondeu que era moderado, 39% responderam que era alto e 15% baixo.

Para Dias e Teixeira (2010), o motivo óbvio e direto da gravidez na adolescência é o fato de que os adolescentes mantêm relações sexuais sem cuidados contraceptivos, sendo assim, é imprescindível que os conhecimentos acerca do assunto sejam disseminados, para que se possa minimizar os índices de gravidez nessa fase da vida.

No que se refere à sexualidade juvenil, a aprendizagem e aderência dos métodos contraceptivos se configura como um desafio. Além disso, outra problemática é a capacidade de negociação com o(a) parceiro(a), o que leva a relações sexuais a acontecerem sem nenhum preparo, fazendo esses jovens entrarem nas estatísticas da gravidez precoce. Mostra-se de grande relevância trabalhar questões relativas à contracepção nas escolas e em outros espaços, uma vez que a eficácia dos métodos dependerá da motivação, educação e cultura dos adolescentes quanto ao uso (Alves; Brandão, 2009; Molina et al., 2015).

Curiosamente, a maioria dos alunos que participou da pesquisa considerou seus conhecimentos de métodos contraceptivos como moderado ou alto. Sendo assim, então por que engravidaram ou foram pais tão cedo? Uma das alunas entrevistadas, inclusive, estava grávida pela segunda vez aos 17 anos. Seriam seus conhecimentos sobre o assunto tão altos assim? Ou realmente, mesmo conhecendo, ainda estariam se arriscando conscientemente em fazer sexo desprotegido? São indagações a se pensar.

Figura 3: Nível de conhecimento dos entrevistados sobre os métodos contraceptivos



Fonte: Autor, 2024.

Em seguida, foi questionado se havia algum diálogo com a família acerca de educação sexual, e 54% afirmaram que não, conforme é possível observar na Figura 4.

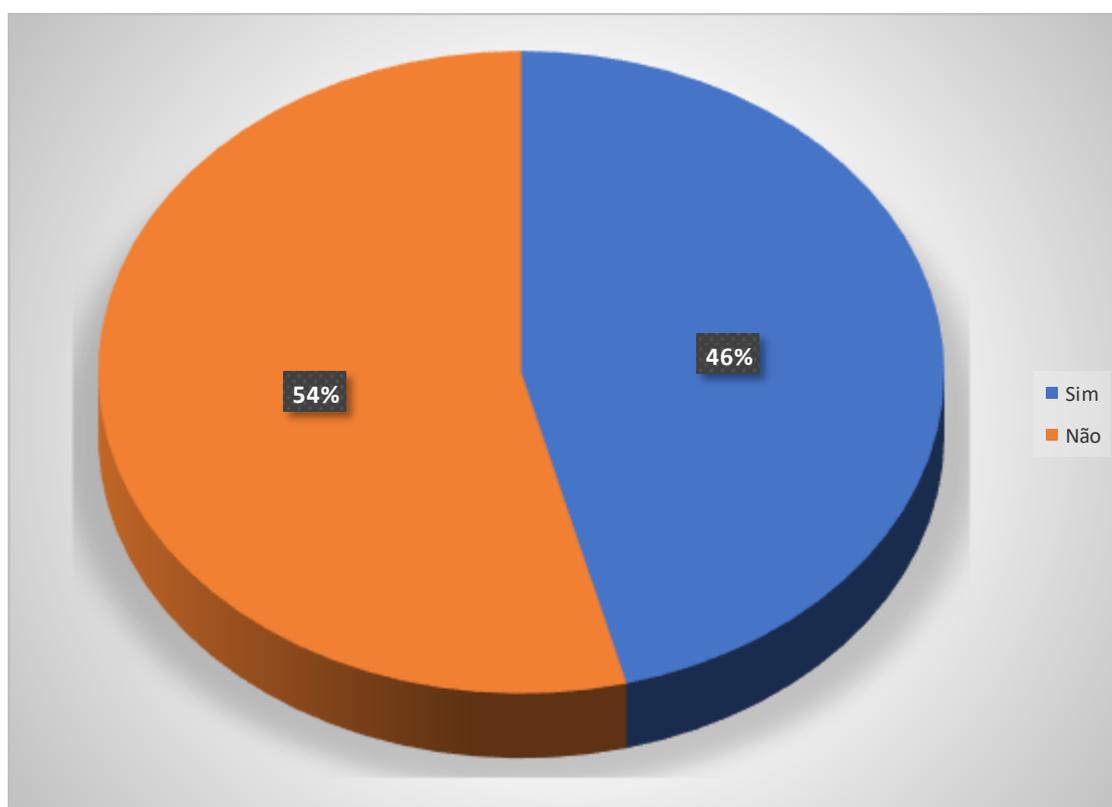
Isso é um dado preocupante, visto que sem essa abertura com a família para tratar desses assuntos, muitos jovens continuam com pouco conhecimento para questões importantes de sua vida (Guimarães; Witter, 2007). Essa falta de diálogo faz com que, muitas vezes, os jovens procurem tirar suas dúvidas acerca desses assuntos com outros jovens também inexperientes ou com conhecimentos equivocados, o que pode leva-los futuramente a

entrar nas estatísticas da maternidade/paternidade precoce. Desse modo, uma abertura para diálogos com a família é essencial (Cajaiba, 2013).

Sobre essa problemática da falta de diálogo com os familiares, alguns autores discutem que os tabus ainda estão presentes na família quando o assunto é sexualidade e sexo, o que pode levar os adolescentes a adquirem as informações com amigos, revistas, filmes, televisão e internet (Freitas; Dias, 2010; Molina et al., 2015). Isso se mostra preocupante, uma vez que possivelmente as informações que encontrarão poderão ser equivocadas. Nesse sentido, se não houver um bom diálogo com a família, a escola deve estar preparada para tentar minimizar os impactos negativos no que se refere à desinformação.

Claro que a escola não deve ser uma substituta da família. Na verdade, o ideal é que escola e família sejam parceiras (Rodrigues; Silva; Gomes, 2019). Entretanto, como é visto em muitas realidades da escola pública Brasil afora, infelizmente, muitos desses estudantes estão expostos a situações de vulnerabilidade tão fortes, que a escola, muitas vezes, é o espaço onde eles são mais acolhidos em muitos sentidos: conhecimento, alimentação, cuidados, etc. Por isso, a importância de a escola tentar suprir essa falta no âmbito social e de formação desses adolescentes.

Figura 4: Diálogo com a família sobre educação sexual



Fonte: Autor, 2024.

Na Figura 5, tem-se os dados referentes às possíveis soluções que a escola poderia trabalhar para minimizar as estatísticas de gravidez entre os estudantes, na percepção dos alunos. A maioria (69%) afirmou que a escola deveria trabalhar palestras interdisciplinares, para além das aulas que já ocorrem tradicionalmente (como por exemplo, nas aulas de Biologia).

A gravidez na adolescência é um fenômeno que evidencia a necessidade de intervenções voltadas à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes (Dias; Teixeira, 2010). As escolas que trabalham com orientação sexual geralmente a realizam tardiamente e com estratégias que não favorecem a transformação delas em ações preventivas. Para se garantir que um número maior de adolescentes receba alguma orientação sobre sexualidade, as escolas deveriam fazê-la de maneira contínua (Lima, 1999). Quanto ao que foi sugerido pelos alunos, as palestras interdisciplinares podem ser uma importante ferramenta para mitigação desse sério problema de saúde pública que é a gravidez na adolescência. Sabemos que de forma tradicional, disciplinas como a de Biologia ou Ciências já abordam em seu conteúdo programático capítulos sobre o tema de sistema reprodutor, métodos contraceptivos, etc. Entretanto, muitas vezes está localizado em um determinado ano/série. Já no caso de realizações de outras ações, como palestras contínuas pela escola, há uma chance maior de abranger um maior público em uma maior extensão de tempo, por isso a sua relevância como ferramenta a ser usada pelas escolas.

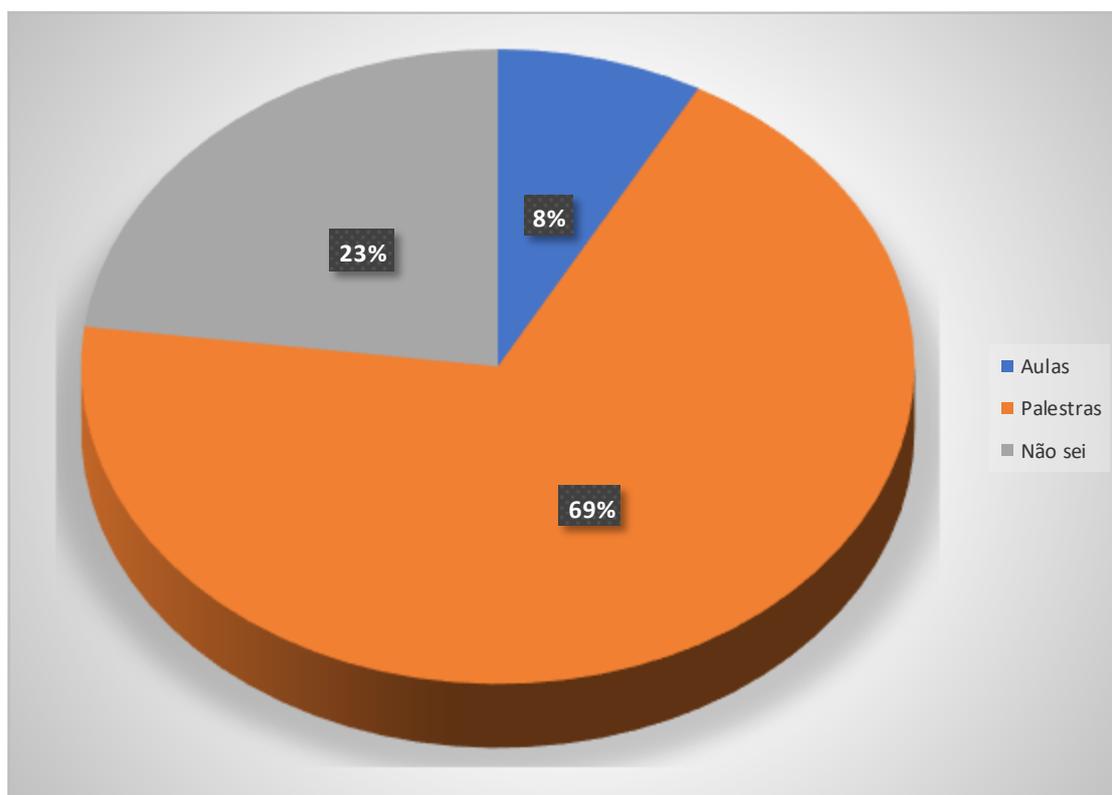
Molina et al. (2015) sugerem que o tema seja amplamente discutido nos cursos de formação das profissões que lidam, direta e indiretamente, com adolescentes, no intuito de formar profissionais capacitados para lidar com essa demanda tão preocupante.

Para Rodrigues, Silva e Gomes (2019), escola e família devem ser parceiras. A família deve estar atenta e presente na vida de seus filhos, buscando dialogar com a escola, solicitar apoio quando necessário, bem como acompanhar a vida pessoal e estudantil de seus adolescentes. A escola, por sua vez, precisa desenvolver ações educativas motivadoras, que promovam o conhecimento referente à sexualidade, auxiliando assim que os alunos tenham uma vida sexual responsável. As autoras reforçam ainda que a escola e a família devem ser coerentes em relação ao tipo de educação que promovem, devendo formar jovens mais conscientes para lidar com os problemas da vida.

O papel da escola nesse cenário é realmente primordial. A escola é uma instituição formadora de cidadãos, pois muitas vezes a família não consegue orientar adequadamente seus filhos, cabendo à escola promover um trabalho no sentido de conscientização dos estudantes e até mesmo dos pais quanto à relevância de muitos temas, incluindo a sexualidade (Rodrigues; Silva; Gomes, 2019).

Segundo Furlani (2011), a escola é um local privilegiado para a implementação de políticas públicas que promovam o conhecimento para crianças e adolescentes, inclusive em relação à sexualidade, podendo oferecer a todos os alunos uma orientação mais concisa, que em outros espaços talvez eles não tenham acesso. Ainda segundo o autor, deve-se desenvolver nos jovens um sentimento de responsabilidade em relação à prática sexual, bem como em relação aos efeitos em sua vida de uma gravidez não planejada, e nesse sentido, entra os investimentos educacionais para tratar do tema. Como já foi discutido, com estratégias que se desenvolvam de forma contínua no espaço escolar, a fim de atingir o maior público possível.

Figura 5: Possíveis soluções que a escola poderia trabalhar, na percepção dos alunos entrevistados.



Fonte: Autor, 2024.

CONCLUSÃO

Por meio deste trabalho, foi possível constatar que a problemática da gravidez na adolescência deve ser bem trabalhada nas escolas a fim de diminuir as estatísticas, não apenas nas aulas sobre o tema, mas com mais programações voltadas ao assunto, e de forma interdisciplinar e contínua, tratando desde métodos contraceptivos até à questão social dentro desse âmbito. Além disso, a escola e a família devem ser parceiras no intuito de promover informação e prevenção no que se refere à gravidez precoce.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. C. C.; AQUINO, E. M. L.; BARROS, P. School trajectory and teenage pregnancy in three Brazilian state capitals. **Cadernos de Saúde Pública**, 22, 1397-1409, 2006.
- ALVES, C. A.; BRANDÃO E. R. Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde. **Ciênc. Saúde Coletiva**, 14(2): 661-70, 2009.
- BRUNO, Z. V. et al. Reincidência de gravidez em adolescentes. **Rev. Bras. Ginecol Obstet.**, 31(10):480-4, 2009.
- CAJAIBA, R. L. Percepção sobre sexualidade pelos adolescentes antes e após a participação em oficinas pedagógicas. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 12, n. 2, 234-242, 2013.
- DIAS, A. C. G.; TEIXEIRA, M. A. P. Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. **Paideia**, 20 (45), 123-131, 2010.
- FREITAS, K. R.; DIAS, S. M. Z. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto Contexto Enferm.**, 19(2): 351-57, 2010.
- FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- GUIMARÃES, E. A.; WITTER, G. P. Gravidez na adolescência: Conhecimentos e prevenção entre jovens. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, 27(2), 167-180, 2007.
- HEILBORN, M. L. **Gravidez na adolescência e sexualidade: uma conversa franca com educadores e educadoras**. Rio de Janeiro: CEPESC/REDEH, 2008.
- LIMA, M. S. S. Gravidez em adolescentes: o papel da escola pública. **Psicol. Rev.**, (9): 49-59, 1999.
- MALTA, D. C. et al. Saúde sexual dos adolescentes segundo a Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. **Rev. Bras. Epidemiol.**, 14(1): 147-56, 2011.
- MOLINA, M. C. C. et al. Conhecimento de adolescentes do ensino médio quanto aos métodos contraceptivos. **O Mundo da Saúde**, 39(1): 22-31, 2015.

- RODRIGUES, L. S.; SILVA, M. V. O.; GOMES, M. A. V. Gravidez na Adolescência: suas implicações na adolescência, na família e na escola. **Revista Educação e Emancipação**, v. 12, n. 2, 2019.
- SANTOS, N. L. B.; GUIMARÃES, D. A.; GAMA, C. A. P. A percepção de mães adolescentes sobre seu processo de gravidez. **Rev. Psicol. Saúde**, vol.8, n.2, 2016.
- SOUSA, C. R. O. et al. Fatores preditores da evasão escolar entre adolescentes com experiência de gravidez. **Cad. Saúde Colet.**, 26 (2): 160-169, 2018.
- YAZLLE, M. E. H. D. Gravidez na adolescência. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, 28 (8), 2006.